

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História

Disciplina: História Antiga II (FLH0106) – 2/2018
Responsável: Marcelo Rede

Seminário 3

a) Aristóteles - Política, III 1277b 1-7; VII 1328b 37 - 1329a 2

Outrora, em certas cidades, os artesãos [*demiourgoi*] não participavam da vida política, até a constituição de uma democracia extremada. Estes trabalhos são coisa de homens submetidos e não os deve apreender o homem de bem, o homem político, o bom cidadão, salvo em caso de necessidade estritamente pessoal. Sem o quê, a distinção entre homem livre e escravo desapareceria. [...] Na cidade perfeitamente governada, possuindo cidadãos justos, no sentido puro e simples da palavra e não apenas relativamente ao princípio que define a constituição, é claro que os cidadãos não devem levar uma vida de artesãos, nem uma vida de comerciantes - tais vidas são ignóbeis e opostas à virtude - e que aqueles que são chamados à vida cívica não devem também ser agricultores. A aquisição da virtude e a atividade política necessitam, uma e outra, do ócio.

b) Plutarco - Vidas Paralelas - Sólon, XXII

Vendo a cidade encher-se de homens que afluíam de todas as partes na Ática, para gozar de segurança, mas vendo também que a maior parte do território era infértil e medíocre, e vendo, enfim, que os usuários da via marítima nada traziam junto a homens que nada tinham a lhes dar em troca, Sólon dirigiu seus concidadãos para os ofícios artesanais [*technai*] e redigiu uma lei que dispensava um filho da obrigação de alimentar seu pai quando este não lhe tivesse feito apreender um ofício. [...] Sólon, que adaptava as leis às coisas, em lugar de adaptar as coisas às leis, e que via a pobreza natural do território, que somente oferecia uma subsistência medíocre aos cultivadores e era incapaz de alimentar uma multidão indolente e ociosa, exaltou os ofícios e levou o Areópago a examinar de onde cada um tirava seus recursos e a punir os preguiçosos.

c) Plutarco - Vidas Paralelas - Péricles, I, 4 - II,1

[...] ao admirar seus frutos ou produtos não sói acontecer o desejo de executá-las; pelo contrário, muitas vezes, agradamo-nos com óleos perfumados e vestimentas de púrpura, mas consideramos os tintureiros e os perfumistas como indigno de serem livres e como artesãos vulgares. É, pois, a justo título que Antístenes, ouvindo dizer de Ismênia que era bom flautista, redarguiu: "É homem inferior, pois se não fosse não seria um excelente tocador de flautas". E também Filipe [rei da Macedônia] falou a seu filho [Alexandre Magno] que, num banquete, tocara a cítara com muito encantamento e virtuosismo: "Não tens vergonha de tocar tão bem?". Com efeito, basta para um rei ouvir tocar a cítara quando está com disposição e reverenciar as musas quando assiste como expectador a concursos em que outros, mas não ele, disputam. [...] Não há jovem de berço que, tendo visto o Zeus de Pisa ou a Hera de Argos, tenha, por isso, desejado tornar-se Fídias ou Policleteo, nem ser um Anacreonte, um Filemon ou um Arquíloco por ter-se encantado com os versos desses poetas. Pois uma obra pode seduzir-nos pelo seu encanto, sem que sejamos levados a tomar como modelo seu produtor.

d) Heródoto - História, IV,1-4

Depois de uma ausência de vinte e oito anos, os conquistadores citas quiseram retornar à sua pátria; mas para retornar à Cítia não encontraram menores dificuldades do que as que tinham tido para dominar os medos. Uma armada numerosa erguera-se diante deles, impossibilitando-lhes a entrada: enquanto estiveram ausentes, suas mulheres, entediadas pela longa espera, entregaram-se aos escravos, daí

florescendo toda uma nova população. [...] Desses escravos e de mulheres citas nasceram muitos jovens que, tendo conhecimento da sua origem, marcharam ao encontro dos citas que regressavam da Média. Começaram por dividir o país em duas partes, cavando um largo fosso que ia dos montes Táuricos ao Palos-Meótis, abrangendo uma vasta extensão. A seguir, foram acampar diante dos citas que pretendiam retornar ao país, aos quais ofereceram combate. Houve entre eles várias escaramuças, sem que os citas obtivessem a menor vantagem. Então, um dos citas gritou no meio da peleja: "Companheiros, que estamos fazendo? Se esses homens matam um dos nossos, diminuímos de número; se matamos um deles, diminuímos o número de nossos escravos. Abandonemos os arcos e dardos e marchemos contra eles armados do chicote com que fustigamos nossos cavalos. Enquanto nos virem de armas em punho, considerar-se-ão nossos iguais; mas, se em lugar de armas, virem-nos de chicotes, lembrar-se-ão de que são nossos escravos e, apercebendo-se de sua baixa origem, não mais ousarão resistir-nos. A sugestão foi aceita por todos. Os escravos, atemorizados, puseram-se logo em fuga, sem mais pensar em combater.

e) Aristóteles - Política, I, 1260a4-1260b20

Existem na alma, por natureza, uma parte que comanda e uma parte que é comandada, partes às quais correspondem, acreditamos, virtudes distintas, pois uma está provida de razão e a outra, desprovida. É evidente que assim também se passa com as demais coisas: por natureza, na maior parte dos casos, há o que comanda e o que é comandado. O homem livre comanda ao escravo, da mesma forma que o macho à fêmea e o adulto à criança. E, todavia, as partes da alma existem em todos, mas existem de maneira diferente: o escravo está totalmente privado da parte deliberativa; o sexo feminino a possui, mas sem a possibilidade de decisão; a criança a tem incompleta. Dessa forma é preciso concluir que o mesmo acontece com as virtudes morais: todos devem delas participar, mas não segundo o mesmo modo e somente quando for necessário para cumprir sua função própria. Eis por que quem comanda deve possuir a virtude moral em plenitude (pois sua função, em termos absolutos, corresponde a de um mestre de obras). [...] Quanto às demais categorias, basta que possuam a parte de virtude que lhes é apropriada. [...] É preciso, pois, concluir que todas as categorias sociais têm a sua virtude própria, como diz o poeta a propósito da mulher: o ornato da mulher é o silêncio". Mas isso não se aplica ao homem. E como a criança é um ser incompleto, é evidente que sua virtude não se refere a si própria, mas a seu fim, àquele que a dirige. Estabelecemos que o escravo é útil para as necessidades da vida. Fica, portanto, claro que ele não tem a necessidade senão de pequena parcela de virtude. O suficiente para apenas não ficar inferior à sua tarefa, por desregramento ou negligência. Se assim são as coisas, seria o caso de perguntar se é preciso que os praticantes de ofícios sejam, eles também, detentores de virtude. Muitas vezes, por desregramento eles são inferiores a suas tarefas. Mas não haveria uma diferença maior? O escravo é parte integrante da vida de seu senhor, o artesão dela está muito mais afastado e sua parte de virtude é proporcional ao que nele há de escravo. O artesão que exerce um ofício manual tem uma servidão limitada e, ao passo que o escravo pertence ao grupo natural dos escravos, outra coisa ocorre com o sapateiro ou o praticante de outros ofícios. Fica, assim, claro que o senhor deve ser para o escravo a causa da virtude própria a este último [...]